

# FUTEBOL DE MULHERES E SAÚDE: PÉS QUE DEFENDEM E RESISTEM AOS IMPACTOS DA TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO

## WOMEN'S FOOTBALL AND HEALTH: FEET THAT DEFEND AND RESIST THE IMPACTS OF THE TRANSPOSITION OF SÃO FRANCISCO

Submissão:  
19/05/2023  
Aceite:  
28/06/2023

Renata Pereira Farias<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-4297-7421>  
Suely Emilia de Barros Santos<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-6249-7487>  
Clarissa Marques<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-2567-141X>

### Resumo

O objetivo deste artigo é compreender o sentido do esporte para a saúde, a partir do olhar das mulheres jogadoras de futebol impactadas pelas obras da transposição do rio São Francisco, no Sertão pernambucano. Nascida nas andanças e ações extensionistas do Programa de Extensão TransVERgente, trata-se de uma pesquisa qualitativa cartográfica e fenomenológica. A modalidade de intervenção/investigação foi a roda de conversação e as participantes-colaboradoras foram sete camponesas, jogadoras de futebol da comunidade do Sítio Cipó, Sertânia/PE. A Analítica do Sentido de Critelli foi o método de análise. As narrativas revelaram que a prática do futebol para a saúde corresponde à experiência terapêutica, à promoção de saúde e aos modos de existir no viver cotidiano na comunidade rural. Além disso, a busca por garantia de direitos apareceu a partir da mobilização comunitária como ação política das mulheres camponesas jogadoras de futebol, diante da transposição e da violência de gênero.

**Palavras-chave:** Mulher; Futebol; Saúde; Comunidades rurais; Transposição do rio São Francisco

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade de Pernambuco - UPE do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL) [psirenatapfarias@gmail.com](mailto:psirenatapfarias@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora da Universidade de Pernambuco - UPE. Pesquisadora do Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL) [suely.emilia@upe.br](mailto:suely.emilia@upe.br)

<sup>3</sup> Professora da Universidade de Pernambuco - UPE [clarissa.marques@upe.br](mailto:clarissa.marques@upe.br)

## Abstract

The objective of this article is to understand the meaning of sport for health, from the perspective of female soccer players impacted by the transposition of the São Francisco River, in the Sertão of Pernambuco. Born in the wanderings and extension actions of the TransVERgente Extension Program, this is a cartographic and phenomenological qualitative research. The modality of intervention/research was the “Roda de Conversação”. The participant-collaborators were seven peasant women, soccer players from the community of Sítio Cipó, Sertânia/PE. Critelli’s Analytics of Sense was the method of analysis. The narratives revealed that the practice of football for health corresponds to the therapeutic experience, health promotion and ways of existing in daily life in the rural community. In addition, the search for guarantee of rights emerged from community mobilization as a political action of peasant women soccer players in the face of transposition and gender violence.

**Keywords:** Woman; Football; Health; Rural communities; Transposition of São Francisco River

## Primeiro tempo: Introdução

No Semiárido Nordeste, a transposição do rio São Francisco foi vendida enquanto solução para o “combate à seca”, sendo idealizada, desde o período imperial, por Dom Pedro II e retomada por sucessivos governos brasileiros, perpassando os mandatos de Juscelino Kubitschek (1956-1961), de Fernando Henrique Cardoso (1964-2002) e de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) (HENKES, 2014). O projeto começou a ser executado a partir desses dois últimos governos, no que se refere à legitimação de licenciamentos, à execução de diretrizes e ao início das obras em território, com o propósito de levar água para o povo nordestino marcado pela aridez da seca (GONÇALVES et al., 2022).

No entanto, em prol do progresso, a implantação do megaprojeto foi imposta mesmo diante de contra-argumentações de cunhos econômico, ambiental e social, produzindo processos de vulnerabilização de povos da terra que vivem no território atravessado pelo rio transposto (COSTA; DINIZ, 2021). A associação histórica e política entre o fenômeno da seca e a lógica do desenvolvimento, com interesses públicos e privados, culminou no avanço das obras da transposição e justificou os territórios impactados como zonas de sacrifício (OLIVEIRA, 2020). Essa forma moderno-colonial de negar os modos de vida do outro, bem como de desvalidar a sua coexistência com o território vivo, se mostra como uma expressão da colonialidade do poder sobre os povos impactados (LUGONES, 2014).

O nascedouro desta pesquisa se dá a partir do Programa de extensão *TransVERgente*, da Universidade de Pernambuco (Campus Garanhuns e Campus Arcoverde) em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/PE), que acompanha os contextos rurais de povos da terra e seus encaminhamentos de vida frente às repercussões do evento da transposição do rio São Francisco, a nível dos Direitos Humanos e da Saúde. Na busca de desvelar os impactos advindos das grandes obras, especificamente no município de Sertânia/PE, e de lançar um olhar sensível para os povos desterrados pela passagem do “rio de concreto”, o programa promove ações em território voltadas para o Direito e para o cuidado em Saúde. Essa inserção no território camponês se fez viável devido aos braços multidisciplinares presentes no programa, que conta com estudantes, residentes e pesquisadores de diversas áreas, em parceria com o Sindicato de Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares de Sertânia (SRT-Sertânia).

Nesse caminhar, as pesquisadoras extensionistas propuseram acompanhar as mulheres camponesas jogadoras de futebol impactadas pelas obras da transposição no Sítio Cipó. A equipe de futebol de mulheres foi evidenciada pela comunidade a partir do curso “Mobilizadores Comunitários

em Saúde”, promovido pelo Programa TransVERgente em comunidades do município de Sertânia, dentre elas o Sítio Cipó. O curso, baseado na Educação Popular em Saúde, proporcionou a formação de moradores/as das comunidades em mobilizadores/as comunitários/as em saúde, realçando a co-participação e a partilha do cuidado na prevenção e na promoção à saúde dentro do território coletivamente habitado.

Na comunidade, o futebol de mulheres apareceu como referência em Saúde, sendo também um marco da resistência política frente aos impactos da transposição. As mulheres que dividem os campos do viver e do futebol com o megaempreendimento da transposição tomaram como momento de retomada dos jogos, após dois anos de pandemia, a finalização do curso de Mobilizadores Comunitários em Saúde. Nossas andanças pelo Sertão nos convidaram a caminhar em direções próximas às de Conceição Evaristo (2006, p. 164), quando diz: “a cabeça pensa a partir do lugar onde estão fincados os pés”. Por esse ângulo, consideramos os pés que driblam, defendem e atacam uma possibilidade de construção de diferentes formas de ser, romper padrões, cuidar, enfrentar e colocar-se em ação. Enfim, um modo e um recurso para compreender-se no mundo.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é publicizar e refletir sobre a compreensão do esporte para a saúde, a partir do olhar de mulheres camponesas jogadoras de futebol impactadas pelas obras da transposição no Sertão pernambucano. Bem como, este artigo se propõe a refletir acerca da saúde da mulher camponesa, numa investigação do futebol enquanto prática de saúde, a partir da análise de narrativas. Para isso, partimos da seguinte questão-bússola: como se mostra o esporte para a saúde das mulheres jogadoras de futebol no Sertão pernambucano impactadas pelas obras da transposição? Este questionamento possibilitou sulear a investigação/intervenção deste estudo, a partir da narrativa das mulheres camponesas praticantes de futebol que experienciam o viver num cenário de desapropriações e de ressonâncias advindas do megaprojeto da transposição do rio São Francisco.

Dessa forma, a relevância sociopolítica deste trabalho se dá ao direcionarmos o olhar para a saúde das mulheres do Sertão pernambucano, à medida que proporciona reflexões acerca da saúde a partir do ser-mulher jogadora de futebol, diante do contexto da transposição e de interseccionalidades que envolvem a saúde, o gênero, os corpos, o território e a historicidade das camponesas. Além disso, no que diz respeito às contribuições acadêmicas, o estudo possibilitou vislumbrar as relações entre território, saúde, ação política e esporte de mulheres em diálogo com a Psicologia.

### **Estratégia de jogo: Fundamentação teórica**

Este estudo conta com um levantamento a partir de uma revisão integrativa dos artigos, dissertações e teses publicados nos últimos cinco anos (março de 2017 a março de 2022) nas seguintes plataformas: SciELO, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BDTD/Capes). Para Sonaglio et al. (2019, p. 3), a revisão integrativa se mostra enquanto “uma estratégia em que o pesquisador tem o interesse de sumarizar resultados de um conjunto de pesquisas sobre um mesmo tema”.

Para a busca mencionada acima, foram realizadas composições a partir dos termos “Futebol feminino e Saúde”, “Saúde e Transposição”, “Futebol feminino e Transposição”, “Futebol e Mulheres” e “Mulheres camponesas e Saúde”, para identificarmos, a partir da leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, os trabalhos que contribuiriam com a escrita deste estudo. Como critérios de inclusão de

trabalhos, definiram-se: pesquisas com a metodologia qualitativa e/ou mista e pesquisas publicadas em português no período delimitado entre 2017-2022. A partir desses critérios, foram encontradas 126 produções, distribuídas em 66 Artigos, 41 Dissertações e 20 Teses. Deste quantitativo, foram pertinentes para esta pesquisa 22 produções, distribuídas em 13 Artigos, 5 Dissertações e 4 Teses, presentes na fundamentação teórica, nos resultados e nas discussões deste trabalho.

Inicialmente, destacamos o “ser-mulher” no contexto da América Latina e seus atravessamentos interseccionais, que, segundo Gonzalez (2018) e Collins (2019), devem ser considerados de modo crítico e analisados a partir de uma perspectiva feminista que atue como uma ponte para a compreensão dos fenômenos sociais. Para as autoras Bilge e Collins (2021), a interseccionalidade compreende as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero de modo sobreposto, unificado e não excludente.

Essa combinação de diferentes posicionalidades sociais ocupadas por mulheres, acrescidas à orientação sexual, ao local de origem e às experiências vividas em território, têm sido debatidas por pesquisadoras negras e não brancas. Dentre estas, nos fundamentamos na autora argentina María Lugones (2008; 2014), que propõe, a partir do pensamento feminista e decolonial, uma releitura da modernidade capitalista frente às imposições coloniais de gênero atravessadas por questões como território, governo, saúde, refletindo também acerca dos modos como que essas questões cruzam as práticas cotidianas de cuidado no mundo.

Para se somarem a esse debate, convidamos Azevedo e Dutra (2019), por enfatizarem as dualidades que compõem o imaginário acerca do ser-mulher, especificamente no Sertão nordestino. Para as autoras, as condições locais de povoamento, a aridez ambiental e a sociedade patriarcal encaminham o entendimento do ser-mulher para um dos dois rumos a seguir: o do recato e da dedicação integral aos filhos e ao marido ou o da “mulher-macho” marcada pela necessidade constante de demonstrar coragem e destemor.

Nessa tessitura, o ser-mulher no Sertão parece ser visto pela literatura como um alvo de lutas e entraves no cuidado de si e de outros. Para Vasconcelos, Felix e Gatto (2017), as mulheres ficam à mercê da produção de violências de inúmeras ordens, de (des)cuidados e silenciamentos até a morte. Esse modo colonial e machista de ver a mulher demonstra o pensamento dicotômico imposto pela modernidade ocidental do estereótipo de gênero nas relações corpo-objeto e masculinidade-feminilidade.

Na modernidade, o esporte e as práticas corporais têm sofrido transformações, ao passo em que se distanciam do olhar crítico, enquanto fenômenos socioculturais e de saúde (VILARINO et al., 2017). Apesar dos amplos benefícios da prática regular de atividade física e de esportes para a saúde da mulher indicados pela literatura científica (GOMES et. al, 2019), o percurso histórico do esporte no Brasil é marcado por uma série de estereótipos e preconceitos relacionados à prática das modalidades femininas.

Durante o governo Vargas (1937-1945), foram criadas leis com o intuito de impedir a prática de esportes por mulheres, como o artigo 54 do decreto-lei nº 3.199/41 (BRASIL, 1941). Apesar de o decreto não especificar os demais esportes proibidos às mulheres, o futebol foi evidenciado, por se caracterizar como uma das principais manifestações culturais brasileiras, comum a todas as classes, gêneros e idades (PERROT, 2017). Na busca por justificativas dessa proibição, faz-se importante considerar que, nesse período, se instaura um projeto de governo direcionado ao controle dos corpos femininos, limitando legalmente as mulheres ao papel da procriação e da maternidade (BONFIM, 2019; REBOUÇAS; DUTRA, 2017).

Nessa direção, compreende-se que o percurso das mulheres no futebol brasileiro não é subalterno à história do futebol masculino, tendo em vista que, apesar de não ser promovida por clubes e apoiada pelo Estado, a prática desse esporte persistiu com a atuação de times femininos nos subúrbios do país e também como atração circense no Nordeste brasileiro (BONFIM, 2019; GOELLNER, 2021). O fim do decreto de proibição da prática do futebol por mulheres só ocorreu em 1979, após a CPI da Mulher (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito para examinar a situação da mulher em todos os setores de atividade), e com a retificação das contraindicações médicas relacionadas à saúde reprodutiva, que fundamentou tanto o término da proibição quanto a retomada do futebol entre mulheres nas legislações governamentais (CUNHA, 2016).

Na Política Nacional de Promoção da Saúde (BRASIL, 2014), os esportes e as práticas corporais aparecem como direitos sociais vinculados à saúde, o que permite a implementação de ações transversais nas áreas de educação, saúde e cidadania de uma comunidade. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018), a saúde depende do contexto em que se vive, destacando-se o espaço geográfico e social em que as mulheres estão inseridas. Tratando-se da saúde de modo ampliado, considera-se que sua produção se dá pelo cuidado, em coparticipação com o “viver cotidiano” (SANTOS, 2016) das comunidades, e a partir de práticas corporais coletivas, como o futebol feminino.

Refletir acerca do sentido da prática de futebol para a saúde das participantes-colaboradoras do TransVERgente corrobora não só com a perspectiva apontada pela OMS, mas também o mostra alinhado aos estudos atuais que põem em questão a compreensão de saúde como uma totalidade. Enquanto a OMS (1948) a caracteriza como sendo um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência da doença, Guimarães, Marques e Santos (2021) destacam que, apesar de essa visão compreender a saúde para além da doença, é impossível que essa completude seja alcançada. Ao pensar a saúde a partir da dimensão existencial das relações entre humanos no mundo moderno, Morato (2018) ressalta a ação coletiva e individual na busca de caminhos que proporcionem o existir de modo harmônico. Partindo da autora, nos referimos à saúde como o “direito de ser quem se é” (MORATO, 2018, p. 189), destacando a experiência do viver de modo sobreposto a qualquer conceituação teórica acerca do tema.

A promoção em saúde das mulheres camponesas do Sertão brasileiro é atravessada pelo compartilhamento de saberes e pela própria convivência com o território semiárido, a partir da estocagem de água, do plantio e da relação com a terra (SIMON, 2020). Nessa direção, a saúde das mulheres aponta para uma condição de corresponsabilidade reforçada pela participação ativa das camponesas nos processos de subsistência e de cuidado para com a comunidade a qual pertencem. Todavia, a dificuldade de acesso a serviços de saúde pelas mulheres do campo é reconhecida pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), bem como é reiterada pelos estudos atuais que, ao relacionarem os aspectos gênero, saúde e ruralidade, observam que as mulheres camponesas sofrem duplamente as consequências das desigualdades de gênero e suas interfaces sociais, econômicas e culturais (BRASIL, 2011; SGANZERLA et al., 2021).

Incorporada ao enfoque de gênero, a “promoção em saúde”, a partir da PNAISM, se relaciona com o fortalecimento da capacidade individual e coletiva das mulheres para conduzirem suas vidas diante das condições com que se deparam cotidianamente (BRASIL, 2011). Já o cuidado à saúde se designa, de acordo com Ayres (2004, p. 76), como “uma atenção interessada no sentido existencial [...] e nas práticas de promoção da saúde”. Em diálogo com essas compreensões, e sem perder de vista a coletividade e o contexto social no qual está inserida, sabe-se que a chegada de megaprojetos, como

o da transposição do rio São Francisco, traz transformações profundas no cotidiano das comunidades em que se instalam, causando impactos diretos na saúde da população (GONÇALVES et al., 2022).

Apesar dos discursos sobre os benefícios associados à transposição, sua repercussão nas comunidades em que as obras foram alocadas envolve desde a desapropriação de moradores/as até as dificuldades de mobilidade e de acesso à educação e à saúde (SILVA; SANTOS, 2020; BORGES et al., 2021; COSTA; DINIZ, 2021). Esse contexto não tem ganhado uma maior repercussão nas grandes mídias, uma vez que o megaprojeto explicita a relação de poder existente entre os responsáveis pela obra e a população do campo, que é acometida pelos impactos negativos, dentro de um sistema moderno-colonizador de retroalimentação do sofrimento em prol do desenvolvimento (SANTOS; MARQUES, 2021).

Alicerçada na concessão do Estado, a transposição dominou territórios de comunidades ligadas à terra para consolidar a passagem do “rio de concreto”. Os estudos de Silva e Santos (2020) e Gonçalves et al. (2022) apontam as inúmeras violações sofridas por essas comunidades, tais como: perdas materiais com indenizações irrisórias, desocupação compulsória das terras e dificuldades no acesso à água, bem como perdas simbólicas, como o agravo à saúde e as interrupções drásticas dos modos de vida. Esses impactos se mostram ainda mais graves quando direcionados às mulheres, uma vez que, como demonstram os estudos de Bezerra e Santos (2021), diante da transposição, as vulnerabilidades cotidianas se intensificaram para as mulheres, perpetuando a lógica de silenciamento e de naturalização da violência de gênero.

### **Arbitragem: Metodologia de pesquisa**

Este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa cartográfica<sup>1</sup>, em diálogo com o pensamento decolonial e feminista, realizada com mulheres jogadoras de futebol do Sítio Cipó, uma das comunidades impactadas pelas grandes obras da transposição do rio São Francisco no município de Sertânia, Pernambuco, Brasil.

Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa é composta pelas ações de compreensão e de interpretação, uma vez que se volta para uma realidade não quantificável e trabalha com um universo de significados. Dessa forma, não se pretendeu explicar os fenômenos revelados em campo, e sim compreendê-los (SZYMANSKI L.; SZYMANSKI H.; FACHIM, 2019) através da interpretação das narrativas que foram colhidas mediante a execução da seguinte modalidade de intervenção/investigação: a *roda de conversa*ção.

Lançamos mão da cartografia clínica enquanto método para “sulear” o percurso de entrada em campo e a intervenção em coparticipação. Portanto, o método cartográfico utilizado propiciou o diálogo entre “pesquisa e intervenção, compreensão e cuidado, como pares indissociáveis” (OLIVEIRA, 2019, p. 16). Sendo assim, a cartografia clínica esteve presente ao longo da pesquisa, desde as andanças em território, a partir do Programa de extensão TransVERgente, até a coleta e a análise das narrativas.

A “roda de conversação” (SANTOS, 2016) foi realizada como uma modalidade de investigação e de intervenção junto às participantes-colaboradoras da pesquisa. Durante sua execução com as mu-

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa está abrigada pelo projeto guarda-chuva intitulado “(nome ocultado para não haver identificação)”, elaborado pelo CAAE: (número ocultado para não haver identificação) e aprovado pelo Comitê de Ética, a partir do parecer (número ocultado para não haver identificação).

lheres da comunidade, a experiência foi posta em circulação, pela via da narrativa, a partir da seguinte questão-bússola: como se relacionam o esporte e a saúde nas compreensões das mulheres jogadoras de futebol do Sertão pernambucano impactadas pelas obras da transposição? Ainda sobre a roda de conversação, Santos (2016, p.43) afirma que “os depoimentos revelam histórias que surgem como abertura para a criação de sentidos. Assim, a roda de conversação é um espaço no qual o pesquisador transita no cuidar do escutar/dizer da experiência”.

Nessa direção, segundo Silva e Santos (2017, p. 117), as pesquisadoras extensionistas assumem a atitude de “pesquisador da experiência”, na medida em que intervêm ao mesmo tempo em que investigam. Dessa maneira, a roda de conversação se mostrou como um modo de pesquisar, recolher e compreender as experiências das participantes-colaboradoras.

Diante dos objetivos propostos, as participantes-colaboradoras foram convidadas, levando-se em consideração a importância destas para a temática investigada, posto que essa amostra se caracteriza como intencional e não probabilística (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Destarte, a amostra intencional foi composta por sete (7) mulheres camponesas da equipe feminina de futebol do Cipó Futebol Clube, com idades entre 19 e 40 anos, agricultoras, jogadoras de futebol há mais de 10 anos e impactadas pela transposição em sua comunidade. Todas as participantes foram informadas acerca da pesquisa e convidadas a serem participantes-colaboradoras, assinando voluntariamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No primeiro momento, foi realizado um encontro para a execução da roda de conversação, com duração média de duas horas, contando com a questão-bússola da pesquisa enquanto fala disparadora para o compartilhamento das narrativas. Posteriormente à coleta e à análise das narrativas, foi realizado mais um encontro com as participantes-colaboradoras, para a devolutiva dos fenômenos desvelados. Para assegurarmos o anonimato das participantes-colaboradoras, lhes atribuímos nomes fictícios – Marta, Formiga, Sissi, Cristiane, Debinha, Bárbara e Tamires – inspirados em jogadoras famosas do futebol brasileiro.

O método de interpretação/compreensão utilizado foi a “Análítica do Sentido” proposto por Critelli (1996, p. 53), que realiza a análise do real enquanto fenômenos, dentro dos contextos do acontecimento, sem retirá-los do “movimento fenomênico”. Diante disso, consideramos que investigar consiste em uma ação de levar adiante uma interrogação (CRITELLI, 1996), não buscando respostas imediatas acerca do fenômeno investigado e adotando, assim, a compreensão da verdade enquanto *aletheia*, ou seja, (des)velamento.

Portanto, a análise das narrativas colhidas nas rodas de conversação se deu em todo o percurso da pesquisa, de modo simultâneo e não linear, a partir dos cinco “movimentos de realização” propostos por Critelli (1996, p. 69): o Desvelamento, que se refere ao desocultamento de um fenômeno anteriormente encoberto; a Revelação, caracterizadora da expressão e do acolhimento do que foi (des)ocultado por meio da linguagem; o Testemunho, que configura-se no compartilhamento do que foi revelado com outros que o recepcionem e o escutem; a Veracização, encaminhada quando o que foi testemunhado e publicizado se mostra relevante; e, por fim, a Autenticação, que corresponde à validação do que foi interrogado e interpretado pelas pesquisadoras frente ao experienciado (CRITELLI, 1996).

## Segundo tempo: Resultados e Discussão

O modo de investigação-intervenção adotado para a colheita das narrativas das participantes-

colaboradoras emergiu da modalidade de pesquisa roda de conversação (SANTOS, 2016). Em vista disso, apresentam-se como pontapé inicial para a análise dos resultados os recortes das narrativas das participantes-colaboradoras da pesquisa, colhidas durante a roda de conversação, em interlocução com as contribuições teóricas dos trabalhos selecionados durante a revisão integrativa e da literatura decolonial feminista.

### **Relações entre transposição, prática do futebol de mulheres e saúde**

*“Então, a equipe já está há 13 anos nessa luta, nessa batalha. Veio a transposição e trouxe bastante esperança para o nordestino, que teria água em casa, mas na verdade foi uma devastação enorme. Principalmente pras meninas aqui, que fazem parte da equipe e que por um tempo tiveram que parar. Porque pra saúde é muito importante elas estarem praticando uma educação física, estão sempre no convívio de mulheres, conversando... Nós somos médicas, psicólogas, preparadoras físicas umas das outras! O índice de gravidez na adolescência baixou bastante com a prática do futebol feminino aqui da nossa comunidade. Sempre estamos correndo atrás de sempre crescer junto com a equipe.” (Sissi).*

*“A transposição mudou a vida de todo mundo, né?! Querendo ou não! E o futebol é nosso único tipo de lazer aqui [...] porque na transposição eles queriam tirar os campos da gente também... mas a obra nem ia passar aqui por cima! Os campos são um patrimônio da comunidade! E mesmo assim eles queriam tirar... depois de muita luta que a transposição mudou a rota e foi passar lá por baixo!” (Cristiane).*

*“Em relação aos adolescentes e à juventude, em relação ao envolvimento com álcool e com droga, em questão de tudo isso... a equipe otimizou. Veio só pra favorecer, porque teve muito envolvimento com drogas, bebida e muita adolescente grávida depois da transposição... começou principalmente com a transposição. Nisso a nossa equipe só veio pra favorecer e pra melhor. Só por estar ali, convivendo com a gente.” (Sissi).*

As narrativas de abertura anunciam a historicidade da equipe de futebol de mulheres da comunidade de Cipó em meio às promessas e aos impactos advindos da transposição. O contexto de esperança trazido na narrativa diz respeito às expectativas, cultivadas pelo poder público e pela grande mídia (BORGES et al., 2021), de garantia da segurança hídrica para as populações do Sertão nordestino. Entretanto, a devastação mencionada revela os eventos impactantes vivenciados no decorrer das obras, não de forma repentina e inesperada, mas com suas ressonâncias experienciadas de maneira processual, dentro do território.

Além desse aspecto, as narrativas assinalam o lugar do futebol para as jogadoras e para os/as demais moradores/as do Sítio Cipó, uma vez que os campos de futebol aparecem como patrimônios da comunidade. Da mesma maneira, o sentido desse esporte é introduzido como sendo um cuidado coletivo entre mulheres, diante de um contexto de perda de direitos provocado pelas grandes obras. Embora o debate acerca do cuidado coletivo enquanto questão de política pública em saúde venha ganhando repercussão dentro das produções acadêmicas, as discussões em torno das relações estabelecidas entre cuidado, saúde e gênero ainda se mostram recentes (COLLINS, 2019).

Nesse sentido, nos depoimentos da participante-colaboradora Sissi, o cuidado e a convivência em rede através do futebol aparecem enquanto promoção de saúde de forma integral, na medida em que a jogadora ilustra as relações de coparticipação dentro da equipe, a partir de diferentes linhas do



cuidado em saúde. Entrelaçando a saúde aos contextos de gênero e de território, a narrativa apresenta as contribuições dessa prática corporal e de convivência nos indicadores de gravidez na adolescência dentro da comunidade, compreendida por Moura et al. (2021) como uma questão de saúde pública que decorre das violações de direitos, tais como direito à educação e à saúde.

A narrativa acima revela, então, a interligação entre os impactos da transposição, as violências de gênero e o uso de drogas dentro da comunidade. Nesse caminhar, tendo em vista a perda de direitos básicos sofrida pelas adolescentes e jovens da comunidade com a chegada das obras, a equipe de futebol de mulheres se mostrou uma referência no suporte no cuidado em coparticipação. O consumo de drogas ilícitas e a gravidez na adolescência seguida pelo abandono paterno foram relatados como problemas em ascensão nas comunidades de Sertânia desde a chegada dos trabalhadores das obras, aparecendo tanto nas narrativas das jogadoras quanto em trabalhos realizados por Bezerra e Santos (2021).

A violência de gênero e a proliferação do uso de substâncias se mostram como sendo aspectos que interferem na saúde, principalmente das adolescentes e mulheres da comunidade. Apesar disso, e em contraponto a essas violações, além de desvelar-se como um recurso de enfrentamento, de prevenção e de promoção em saúde, a prática do futebol de mulheres aparece na comunidade como uma expressão de insurgência frente à objetificação dos corpos femininos.

Assim, as jogadoras narram as conexões existentes entre os impactos da transposição e as repercussões da prática do futebol para a saúde das mulheres camponesas da comunidade de Cipó. Nesse sentido, os fenômenos são revelados dentro de um complexo contexto de interseccionalidades que envolvem a saúde, o gênero, os corpos, o território, a historicidade e os modos de vida das participantes-colaboradoras.

### **Ação política pelos campos do futebol e do viver cotidiano**

*“Antes não tinha isso de divisão da comunidade não, nem essas distâncias todas! Nós batemos o pé e fizemos greve e protesto pra ganhar a ponte, mas o que ficou foi a passarela.”  
(Cristiane).*

A narrativa acima revela a mobilização das jogadoras dentro da comunidade a partir de suas subversões, provocadas frente às imposições das obras. O pé que defende e resiste, na busca pela reintegração da comunidade por meio de uma ponte prometida nos projetos originais das obras, mas nunca construída, revela o esforço diário pela conquista e pela permanência dos espaços coletivamente habitados. A mobilização gerada em contrapartida ao descaso do poder público revela a “ação política” das jogadoras enquanto um modo de enfrentamento, defesa e resistência no jogo da vida. Retomando o que se compreende por “ação política”, para Santos (2016), ela é a experiência que possibilita a inauguração de algo inédito em espaços coletivos. Ao percorrermos as narrativas, é possível refletirmos acerca da criação de algo novo pelas jogadoras: a novidade da reivindicação pela reintegração da comunidade e o protesto a favor da permanência de seus territórios.

Ao passo em que o território era ameaçado pelas máquinas e dividido pelas explosões, também era aniquilada a possibilidade da prática do futebol de mulheres na comunidade de Cipó. Nesse sentido, a ação política pelos campos do futebol e do viver cotidiano dessas mulheres aparece também na busca pela garantia de direitos básicos e fundamentais, tais como o lazer, a saúde e o direito de ir

e vir dentro da comunidade. Essa ação política, em prol dos espaços do viver, aparece especialmente na subversão à lógica colonial de gênero no contexto da prática do futebol no ser-mulher:

*“[...] é bom a gente tá praticando futebol pra saúde, né! Mas na parte de ser mulher... ocupar espaço, porque futebol era visto como um esporte só pra homem, como se fosse uma coisa só pra homem” (Marta).*

A narrativa aponta a prática do futebol para além dos benefícios propostos à saúde, evidenciando o envolvimento das mulheres com o esporte no sentido da ação política. Ao mencionar o espaço do futebol como um lugar a ser constantemente ocupado, a jogadora apresenta os atravessamentos da estrutura patriarcal que, predominantemente, associa o futebol à masculinidade. Tendo isso em vista, é possível descortinar a atuação da lógica moderno-colonial sobre as jogadoras, que, segundo Lugones (2014), empreende no ser-mulher um mundo de categorizações hegemônicas e anatômicas. Nessa perspectiva, elucidando uma das formas de contestação da atuação do sistema moderno-colonial de gênero no viver das jogadoras, compreende-se que as práticas futebolísticas permitem a mobilização social de mulheres e expressam modos de resistir num território atravessado por perdas de direito e por desigualdade de gênero:

*“Mas tem muito preconceito ainda, porque se você ver o futebol masculino... tem patrocínio e a gente não. Mesmo sendo um time menor e de comunidade todo patrocínio é pra o masculino”. (Cristiane).*

*“É... pra ter uma ajuda para gente, a gente tem que ficar martelando em cima. E tudo é mais fácil chegar por fora, que por prefeitura ou comunidade. Aí a gente precisa dizer sempre que tá aqui. Tem que chamar a atenção e esperar chegar correndo atrás. Nós tá aqui, nós tá viva!! Nós tá aqui, nós tá viva e a gente tem que fazer o que a gente quer fazer.” (Marta).*

Diante desse cenário, as jogadoras narram a escassez de subsídios materiais e de apoio político-social, o que manifesta a interseccionalidade entre gênero e esporte. As narrativas trazem um panorama dos impasses provocados pela desigualdade de gênero, revelando a luta constante em busca da prática do futebol de modo digno, além de evidenciarem os atravessamentos das relações de gênero nas dimensões das vidas pública e privada. No que tange aos aspectos privados do incentivo ao esporte nas modalidades femininas, é importante salientar que, no contexto moderno, o esporte é retomado com o intuito de realizar a manutenção dos privilégios e a extensão da perpetuação do poder patriarcal (GOELLNER, 2021; KOPANAKIS; SILVA; AIELLO-VAINBERG, 2021).

Segundo Rubio e Veloso (2019), as mulheres não são estimuladas à prática esportiva, principalmente no contexto do futebol feminino brasileiro, em relação ao qual já foram impostas proibições legais com justificativas biologizantes. Essa questão de gênero, apesar de muito combatida por jogadoras profissionais e não profissionais, impera até hoje sobre o esporte. Além disso, mesmo após a legalização e a regulamentação da prática futebolística por mulheres, ainda há as consequências machistas da escassez de patrocínios e da invisibilização do esporte feminino na mídia (SOUZA; MAUX; REBOUÇAS, 2019). Contradições surgidas diante do fato de que, na atualidade e no contexto da alta performance, “montar time feminino é exigência para equipes do futebol masculino de grandes competições” (ALVES, 2019, p. 2). Nesse ínterim, Goellner (2013) sinaliza que o esporte, assim como outras práticas sociais, pode expressar o local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões sobre os corpos, a sexualidade e a experimentação das relações de gênero.

A partir das narrativas das jogadoras, compreendemos que a ação política no viver cotidiano se dá fora e dentro do campo, na medida em que são feitas negociações, buscas por apoio e constantes sinalizações da relevância do futebol de mulheres na comunidade de Cipó. Na busca por superar as segregações encobertas e descobertas dentro e fora de campo, as jogadoras camponesas anunciam em grito de guerra “nós tá aqui, nós tá viva!” e esperam, se mantendo em ação, o apoio chegar, como quem aguarda um toque de bola, de modo atento e em movimento. Dessa forma, fica evidente que, se antes, legalmente, a sociedade se opunha à entrada das mulheres nas quatro linhas, contemporaneamente, os impedimentos ao jogo podem ser percebidos como estando velados ou encobertos. Mas, os corpos em movimento anunciam:

*“Bom... na parte de ser mulher, a gente ainda não atingiu o objetivo né?... porque a gente ainda sofre muita discriminação, sofre preconceito, violação... a gente quer nosso lugar!!” (Debinha).*

*“Muitos ficam dizendo que... ‘não sabe nem jogar!’. Até em questão de roupa, dizendo que nossa roupa é curta e que tá mostrando o corpo. E dizendo que por tá usando roupa curta... ‘como é que vocês não querem que ninguém assedie você?’. Muito comentário negativo!..” (Cristiane).*

*“Às vezes a gente está jogando, e é normal jogar de short! De top... é futebol!!! E eles ficam falando sabe?! Eu mesmo não gosto!!” (Tamires).*

*“É... e ainda ficam falando de assédio. Chega dá raiva!!... porque a gente tá fazendo o que a gente gosta, tá aqui jogando... é porque gosta!! Se a gente não fosse assim, e pensasse por eles, a gente já tinha desistido!” (Formiga).*

As narrativas revelam o impacto das experiências de discriminação, de violações e de assédio sexual relacionadas ao cotidiano e à prática do futebol na comunidade, assim como trazem à tona a existência desses fenômenos em paralelo à corporeidade do ser-mulher jogadora de futebol. Nesse ponto, de acordo com Melo (2019), as jogadoras experienciam de modo existencial o “corporar”, ou seja, um modo de habitar o mundo corporalmente, desde as construções sociais da colonialidade do gênero até as subversões pela prática do futebol de mulheres e a reconstituição do território.

### **Prorrogações: Considerações Finais**

A transposição do rio São Francisco segue a lógica desenvolvimentista que responde ao sistema capitalista-colonial, desterra comunidades e gera uma série de impactos ambientais, sociais e de saúde, em prol da exploração de recursos hídricos que não atendem a população camponesa afetada pelo megaempreendimento. Dentre seus impactos, a violência de gênero aparece como *modus operandi*, comum aos grandes projetos que invadem terras de povos do campo. Uma vez que, no cenário das obras da transposição, o assédio “justificado” pelo uso de trajes esportivos, o machismo e a discriminação apareceram nas narrativas das jogadoras camponesas, assim como ocorrem no contexto do garimpo, a violência de gênero tem afetado crianças, adolescentes e mulheres indígenas, revelando as faces opressoras de duas intervenções territoriais que atendem à lógica desenvolvimentista (CASTRO, 2022).

Diante do exposto, a caminhada extensionista do programa TransVERgente tem possibilitado a compreensão de uma prática em saúde interligada ao território vivo. A atitude de assumir a andança extensionista em território como precursora para este estudo propiciou a criação de espaços para a “mostração” dos fenômenos e convidou as pesquisadoras a se disporem a acompanhar e a investigar/intervir em coparticipação. A partir desse diálogo de saberes, a busca de modo coletivo pela garantia de direitos pode ser percebida como a principal aliada no processo de procura por práticas emancipatórias dentro da comunidade. Com a possibilidade de acompanharmos as mulheres da comunidade de Cipó, a historicidade do ser-mulher no Sertão apareceu atravessada por uma firme estrutura patriarcal que se soma à prática do futebol, comumente associada a uma produção de masculinidade hegemônica, e aos impactos materiais e simbólicos advindos das grandes obras.

Nesse sentido, a produção desta pesquisa, em diálogo com a ação extensionista, se deu juntamente às jogadoras, ao passo em que elas sinalizam “nós tá aqui, nós ta viva!” e apontam as intersecções entre o ser-mulher, o futebol e a saúde, relações acrescidas da ação política cotidiana. Desse modo, compreender a saúde a partir do esporte possibilita pensar o futebol de mulheres enquanto uma expressão de existência e um modo de experienciar o território e de desencadear mobilizações comunitárias.

Ser jogadora no Sertão Nordeste do país do futebol apareceu como uma possibilidade de insurgência das mulheres frente a um cotidiano atravessado pela colonialidade de gênero e por ressonâncias causadas pelo megaprojeto da transposição. Apesar do escasso apoio do poder público e da falta de patrocínio pela iniciativa privada, o futebol de mulheres segue sendo resistência dentro e fora da comunidade. Os acordos de “igualdade” entre os times femininos e masculinos, no Brasil, mostram-se como pré-requisito para a participação dos homens em grandes campeonatos, e não como uma política que, de fato, busca a garantia da dignidade das mulheres em campo. O paralelo nacional e comunitário aponta para a mobilização produzida por mulheres frente às iniquidades de gênero. Enquanto a camisa 10, Marta da Silva, seis vezes eleita a melhor jogadora do mundo, realiza campanhas pela igualdade de gênero e por apoio financeiro digno para o futebol feminino, as camisas 10 da comunidade de Cipó “batem o pé” pela seguridade de seus espaços e produzem saúde dentro do território.

Com uma atitude decolonial e feminista foi possível produzir, dentro de uma *práxis* multi e interdisciplinar extensionista e coparticipativa, compreensões acerca da saúde como modos de existir das mulheres camponesas no contexto do futebol. Assim sendo, destacamos a relevância ético-política desta investigação/intervenção e, enquanto possibilidade de desfecho, podemos pensar que ser jogadora de futebol na comunidade de Cipó é (re)existir:

Ser-tão mulher do campo.

Ser-tão traves para o assédio sexual e moral.

Ser-tão dribles nos impactos violentos da transposição.

Ser-tão pés que resistem e defendem a dignidade feminina.

Ser-tão marcações que confrontam a masculinidade hegemônica.

Ser-tão gols contra o poder colonizador.

Ser-tão apitos que denunciam os preconceitos e as discriminações.

Ser-tão prorrogações da sororidade.

Ser-tão-mulher.

Sim, somos corpos em movimento nos campos do futebol e nos campos do viver.

## Referências

- ALVES, C. Montar time feminino é exigência para equipes do futebol masculino de grandes competições. **Globo**, Recife, 04 jan. 2019, 08:00. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml#:~:text=A%20partir%20deste%20ano%2C%20todos,feminino%20%2D%20adulto%20e%20de%20base>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nvGMcCJJmpSSRjsGLhH8fmh/>. Acesso em: 02 mar. 2022.
- AZEVEDO, A. K. S.; DUTRA, E. M. S. Era uma vez uma história sem história: pensando o ser mulher no Nordeste. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 14, n. 2, p. 1-14, jun. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200011). Acesso em: 22 mar. 2022.
- BEZERRA, M. C. F. M.; SANTOS, S. E. B. “Ao redor do buraco tudo é beira”: narrativas do Sertão de Pernambuco-Brasil. In: SANTOS, S. E. B. et al. (Orgs.). **TransVERgente**: o desafio de ver além do megaempreendimento da transposição do São Francisco. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021. p. 63-82.
- BILGE, S.; COLLINS, P. H. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563>. Acesso em: 15 mai. 2023.
- BORGES, G. H. et al. Transposição do Velho Chico: compreensões acerca da lógica desenvolvimentista em comunidades rurais. **Revista de Extensão da UPE**, v. 6, edição especial, p. 24-35, 2021. Disponível em: <https://www.revistaextensao.upe.br/index.php/reupe/article/view/249>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: 1941. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm). Acesso em: 19 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**: princípios e diretrizes. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: [https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2007/politica\\_mulher.pdf](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/politica_mulher.pdf). Acesso em: 19 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 2.446/GM de 11 de Novembro de 2014**. Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). Brasília, DF: 2014. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446\\_11\\_11\\_2014.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html). Acesso em: 19 mar. 2022.
- CASTRO, H. S. A violência de gênero contra as populações indígenas: a outra face do desenvolvimento neoeextrativista. **GEDES**, São Paulo, 03 mai. 2022. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/violencia-de-genero-contra-as-populacoes-indigenas/>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, A. M.; DINIZ, P. C. Territórios tutelados e processos de vulnerabilização: história social da transposição. In: SANTOS, S. E. B. et al. **TransVERgente**: o desafio de ver além do megaempreendimento da transposição do São Francisco. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021. p. 13-30.
- CRITELLI, D. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CUNHA, T. C. P. M. O início do futebol feminino no Brasil: divergências históricas e o pioneirismo na prática. In: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212-232.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FERNANDES, S. L.; SANTOS, A. O. Itinerários Terapêuticos e Formas de Cuidado em um Quilombo do Agreste Alagoano. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NnKPPcZyyp6gV3zX9rrybGD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMVBByhrN/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GOELLNER, S. V. WOMEN AND FOOTBALL IN BRAZIL: DISCONTINUITIES, RESISTANCE, AND RESILIENCE. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/BL3dbSMQpV3KyFcsqhWyQVc/abstract/?lang=en>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 19, n. 34, p. 45-52, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106728>. Acesso em: 15 mai. 2023.

GOMES, G. A. et al. Barreiras para prática de atividade física entre mulheres atendidas na Atenção Básica de Saúde. **Rev. Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 3, p. 263-270, jul. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1042070>. Acesso em: 27 abr. 2022.

GONÇALVES, G. M. S. et al. Demarcação de terra indígena, saúde e novas territorialidades

na transposição do São Francisco no povo Pipipã, em Floresta-PE. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online], Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1376014>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GONZALEZ, L. **Lélia Gonzalez**: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GUIMARÃES, A. G. A.; MARQUES, C.; SANTOS, S. E. B. Transposição do Rio São Francisco: O padrão desenvolvimentista através de megaempreendimentos e seus consequentes deslocamentos forçados. **RIOS: Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco**, Paulo Afonso, v. 15, n. 30, p. 437-459, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/79>. Acesso em: 19 mar. 2022.

HENKES, S. L. A política, o direito e o desenvolvimento: um estudo sobre a transposição do rio São Francisco. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 497- 534, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/T7yQr3DX7CSLhzb6FgSvByb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.

KOPANAKIS, A. R.; SILVA, G. R. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. “Impedimentos no país do futebol”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/73166>. Acesso em: 19 mar. 2022.

LUGONES, M. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1501>. Acesso em: 15 mai. 2023.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 15 mai. 2023.

MELO, J. B. “**Afasta de mim esse CALE-SE**”: Narrativas de corporalidades travestis e trans para uma ação clínica e política em psicologia. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26112019-111052/pt-br.php>. Acesso em: 15 mai. 2023.

- MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMF/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- MORATO, H. T. P. Reflexões acerca da saúde: implicações para o desassossego humano contemporâneo. In: DUTRA, E. (Org.). **O Desassossego Humano na Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018. p. 167-197.
- MOURA, F. et al. Determinantes sociais da saúde relacionados à gravidez na adolescência. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 133-150, abr. 2021. Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/452>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- OLIVEIRA, C. D. **Qual cuidado demanda o CRUSP?:** uma cartografia clínica via narrativa. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19112019-161029/pt-br.php>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- OLIVEIRA, G. P. Um canal para o rio São Francisco: Debates e particularidades do projeto de canalização no século XXI. **Almanack** [online], v. 1, n. 25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/1397>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)**. Nova York: 1946. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-LISBR1.1-22006>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Plano de ação global para a atividade física 2018-2030:** mais pessoas ativas para um mundo mais saudável. 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272721/WHO-NMH-PND-18.5-por.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- PERROT, M. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e terra, 2017.
- REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Tematizando sobre liberdade, escolha e culpa na vivência do abortamento provocado. In: DUTRA, E.; MAUX, A. A. B. (Orgs.). **Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-existencial:** interpretações do sofrimento na contemporaneidade. Curitiba: CRV, 2017. p. 109-125.
- RUBIO, K.; VELOSO, R. C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162617>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- SANTOS, S.E. B.; MARQUES, C. Ressonâncias da lógica desenvolvimentista no cotidiano de comunidades camponesas: reflexões a partir do programa TransVERgente. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 21, p. 1-9, out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60853>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- SANTOS, S. E. B. “Olha!... arru(a)ção!?” a ação clínica no viver cotidiano: conversação com a fenomenologia existencial. 2016. 221f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1503>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- SGANZERLA J. et al. Noções e práticas de cuidado em saúde mental na perspectiva de mulheres camponesas. **Rev. Enferm. UFSM**, Santa Maria, v.11, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1177594>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- SILVA, G.; SANTOS, S. E. B. “Grito da terra: Narrativas acerca do fenômeno da desapropriação na transposição do Velho Chico. **Rev. Conexão da UEPG**, Ponta Grossa, v. 16, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5141/514162470049/514162470049.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. Fenomenologia Existencial como caminho para a investigação qualitativa em Psicologia. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 110-126, set./dez. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000300008#:~:text=Segundo%20Schwandt%20\(2006\)%2C%20a,an%C3%A1lise%20compreensiva%20da%20a%C3%A7%C3%A3o%20humana](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300008#:~:text=Segundo%20Schwandt%20(2006)%2C%20a,an%C3%A1lise%20compreensiva%20da%20a%C3%A7%C3%A3o%20humana). Acesso em: 20 mar. 2022.

SILVA, G.; SANTOS, G. O.; SANTOS, S. E. B. Um lamento ao redor do Velho Chico: por onde anda o direito à saúde? In: CARDOSO, F. S.; D'ANGELO, I. B. M.; CUNHA, C. O. G. M. **Interdisciplinaridade e Direito**: reflexões teóricas e empíricas. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 70-84.

SIMON, C. R. **A Promoção da Saúde, Feminismo e Contraespaço**: Mulheres Camponesas e suas Lutas para se Manterem Vivas! 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193184>. Acesso em: 16 mai. 2023.

SONAGLIO R.G. et al. Promoção da saúde: revisão integrativa sobre conceitos e experiências no Brasil. **J. nurs. health**, v. 9, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/11122>. Acesso em: 13 mai. 2023.

SOUZA, L. M.; MAUX, A. A. B.; REBOUCAS, M. S. S. Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 282-293, dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672019000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000300007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 abr. 2022.

SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM, F. L. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pro-Posições** [online], Campinas, v. 30, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8658051>. Acesso em: 19 mar. 2022.

VASCONCELOS, M. F. F.; FELIX, J.; GATTO, G. M. S. Saúde da mulher: o que é poderia ser diferente? **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 327-339, ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 mar. 2022.

VILARINO, G. T. et al. Análise dos grupos de pesquisa em psicologia do esporte e do exercício no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 4, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/y796wMH3t9x73T38J5m6jSP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.